ANNO XII — Quinta-feira 10 de Agosto de 1893 — NUMERO 638

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

Preço da assignatura

Aveiro: 100 numeros, 2$000; 50, 1$000; 25, 500 réis.—Fóra de Aveiro: 100 numeros, 2$250; 50, 1$125; 25, 570 réis.—Brazil: 100 numeros (moeda forte), 4$500.—Pagamento adeantado.—Avulso, 20 réis.

PUBLICA-SE ÁS QUINTAS-FEIRAS E DOMINGOS

Redacção, Administração e Typographia
Espirito Santo, 71

Preço das publicações

Annuncios, cada linha, 20 réis; repetições, 10 réis. Communicados e réclames, cada linha, 30 réis. Annuncios permanentes, ajuste especial.—Os srs. assignantes teem o desconto de 50 p. c.

AVEIRO

A PENA DE MORTE

—

O ultimo crime commettido em Lisboa veio augmentar o numero dos partidarios da pena de morte.

Foi o *Povo de Aveiro* o primeiro periodico que, em Portugal, se pronunciou abertamente por esse castigo, deduzindo em largos e successivos artigos as razões sociaes e scientificas que tinha para isso. Sabiamos o perigo d'uma tal propaganda, n'um meio inferior como é o nosso. Acostumados, porém, a affirmar com desassombro os nossos principios e convicções, ou agradem ou desagradem, sem nos importarmos com os erros e preconceitos dos outros, não hesitámos um instante em defender aquillo cuja eliminação os patacoadas indigenas consideravam e consideram como a maior *gloria* de Portugal. Felizmente, a razão vae triumphando, a boa doutrina vae ganhando terreno e já alguns periodicos perdem o horror ou o medo de ha seis annos atraz para sahirem a campo pugnando abertamente pela conveniencia e justiça da pena de morte.

Justiça, dizemos nós, por isso que se a pena de morte é barbara como simples castigo é profundamente justa como salvaguarda dos cidadãos prestantes e probos.

Não queremos agora reproduzir tudo quanto ha sete annos escrevemos aqui sobre o assumpto. Os principios fundamentaes da moderna escola de anthropologia criminal e as opiniões dos homens mais célebres da sciencia teem sido expostos por varios ultimamente. Apenas accentuaremos a revoltante crueldade com que n'este paiz ha mais dó pelos assassinos do que pelas victimas. A grande *gloria* de Portugal resume-se toda n'esse pietismo envilecido e degradante.

Ou ha criminosos natos, ou não ha. Ou a aberração do assassino é uma questão physiologica, ou não é. Ou esses sêres monstruosos que se deleitam em matar o seu similhante são susceptiveis de cura, ou não são. Se o são, procuremos cural-os. N'este caso nós somos o primeiro contra a pena de morte. Mas se o não são, ou se de mil apenas ha cura para um, lamentemos esse contra mas encaremos os factos como elles se apresentam. Se o não são, como a experiencia o demonstra e a sciencia o affirma, entre a vida d'um sêr util e bom e a d'um inutil e mau não ha que hesitar. Elimina-se a do mau para se poupar a do bom. A logica é esta, e a piedade tambem.

N'esses artigos, que o *Povo de Aveiro* em tempos publicou, provámos nós que a reclusão não é sufficiente para impedir o assassino de continuar a matar. Cem casos d'esses expozemos. Se attendermos a que em Portugal não ha reclusão perpetua, a que o nosso assassino, além do poder de readquirir a liberdade tem, *ipso-facto*, o de estabelecer relações sexuaes transmittindo aos descendentes a sua lesão organica, difficilmente attenuada e raramente modificada, sóbe de ponto o gravissimo inconveniente de conservar a vida ao criminoso nato.

Intimidam-se os mais escrupulosos, e n'este ponto damos-lhes razão, com os chamados erros de justiça, ou, para sermos mais claro, com a circumstancia de ser possivel levar ao cadafalso um innocente. Mas, como já em tempo o indicámos, ha um remedio para isso, que são as restricções da lei. Não seja permittida a applicação da pena de morte em casos duvidosos, isto é, n'aquelles que só teem a apoial-os a *probabilidade*, a *presumpção*, por mais forte que ella seja. No caso Urbino de Freitas, por exemplo, em que á falta de provas testemunhaes completamente indubitaveis accresce a contestação ao exame medico que deu a base do processo, não votariamos a pena de morte. No caso Marinho da Cruz, manifestamente provado e patente, votal-a-hiamos sem receio. E' certo que, d'este modo, viriam alguns tratantes a escapar-se pela malha. Mas tambem ficavam todos os escrupulos de consciencia satisfeitos e os erros mais graves prevenidos.

Não falta ainda quem se horrorise com a idéa do espectaculo publico. Para isso ha o remedio inglez — enforcar os assassinos dentro das prisões, embora o espectaculo seja de grande força coerciva. E' um erro suppôr que a pena de morte não tem influencia sobre a diminuição dos crimes. Provam-n'o as estatisticas e deixa-o antevêr a pratica diaria das coisas da vida. O homem retrahe-se tanto mais, em tudo e por tudo, quanto maior é a responsabilidade que lhe imputam. Se a responsabilidade não é nenhuma, segue-se logo o desmando e o abuso, n'uns mais suave, mais disfarçado, mais delicado, mais habil, conforme os temperamentos e as educações, n'outros menos, mas desmando ou abuso em todo o caso.

A creança torna-se imperiosa, teimosa, atrabiliaria se lhe satisfazem todas as loucuras e caprichos. O soldado é indisciplinado se afrouxa o rigor do regulamento. Contém-se se adquire a certesa de que recahirá sobre elle a responsabilidade immediata dos seus actos. Negar a força da repressão ou do castigo é desconhecer a naturesa do homem por inteiro.

Nos paizes em que ha estatistica demonstra-se que os assassinatos estão na razão directa da pena de morte. Augmentam, se esta diminue. Diminuem, se esta augmenta.

Mais: o assassino põe toda a sua mira e esforços em evitar a pena capital. E' a unica que elle teme. Quando, nos julgamentos, consegue subtrahir-se-lhe, a leitura do *veredictum* produz sempre n'elle, affirmam-n'o os mais célebres criminalistas, manifestações visiveis de alegria. D'onde se conclúe que, apezar das tendencias innatas, a idéa da morte detém algumas vezes o aberrante no limiar do crime.

Em Portugal, os grandes crimes repetêm-se n'um crescendo assustador. Sendo o nosso grau de civilisação muito maior do que ha cincoenta annos, os crimes produzem-se na mesma proporção. A que attribuir isto? A causas varias de degenerescencia, mas, em grande escala, á *brandura dos nossos costumes*, á impunidade tambem.

N'este funambulesco paiz de incongruencias, em que a razão anda sempre por baixo e a tolice sempre por cima, ao par e passo que se praticam espantosas arbitrariedades e crueldades inauditas ha sempre facilidade e perdão para os grandes criminosos. Manteem-se no codigo terriveis penas contra os que contestarem o mysterio da Santissima Trindade ou o dogma da Immaculada Conceição de Maria e diminuem-se e suavisam-se constantemente as penas destinadas a castigar os crimes horrendos. Não é raro jazer um individuo na cadeia,—ha tres annos que se deu isso n'esta cidade e ha dois dias que succedeu isso em Albergaria, districto de Aveiro—não é raro, dizemos, jazer um individuo em ferros seis, sete e oito mezes *sem culpa formada*, á mercê de qualquer jagodes investido nas funcções de auctoridade. O fallecido dr. Senna, n'um relatorio da gerencia do hospital Conde Ferreira, além de crueldades espantosas que as auctoridades commettiam com os doidos por esse paiz fóra, revelava que um d'estes estivera n'uma enxovia 11 annos, se não nos falha a memoria, por simples determinação d'um administrador de concelho! Tudo isto se faz sem protestos e... sem dó! E' o paiz onde a beneficencia official está mais mal montada, onde a caridade é nulla, a não ser a de sóli-dó e panno negro aberto pelas ruas, salpicado de lagrimas e soprado por marchas funebres, n'um pietismo pelintra, inconsciente, que tanto se produz a favor de uma desgraça real como a do Baquet, como se produziria a favor de *qualquer coisa* que tivesse os réclames da imprensa e a commiseração de sua magestade a senhora D. Maria Pia, Brigida ou Amelia. E' o paiz de menos liberdades—não confundir com tolerancias—de menos direitos e regalias individuaes. Ao mesmo tempo, não falta protecção nem compaixão para o assassino em condições infames!

E' sincero, n'estes casos, o horror que se apregoa por ahi á pena de morte? Não, é pelintra como tudo. Tão sincero como o d'aquelles que, possuindo um coração ternissimo, nem consentem que lhes matem frangos em casa. Se estes senhores querem ser coherentes e dignos, porque se não privam de comer? Não terão os vegetaes e os animaes tambem direito á vida? Então sim, é que nós admiravamos, porque não era fementida, incoherente, mesquinha, nem hypocrita, a sua piedade e respeito pela vida, na expressão levantada e larga d'este termo. Deixem-se morrer de fome, e teem o nosso applauso. Para que é que os senhores comem bichinhos, tão inoffensivos e tão bons? E' para viver, não é assim? Pois mata-se o tigre e o assassino tambem para viver, eis tudo. Com a differença de que a alma do assassino sempre vale menos do que a alma d'um coelho.

Deixemos, pois, a gloria com que Portugal eliminou a pena de morte no mesmo sanctuario em que ficou a do noivado do sepulchro, com musica e tudo. Teve a sua aura e o seu tempo. Agora, é occasião de surgirmos para a vida pratica e real, humanos, caritativos sim, mas com humanidade e caridade isentas de ridiculos, a sã humanidade, a verdadeira caridade.

E vamos a isso, que é tempo.

PARA A HISTORIA

—

Recebemos e agradecemos o *Discurso sobre o orçamento e a questão dos crédores da divida externa*, proferido na sessão de 23 de junho de 1893 pelo deputado José Dias Ferreira. E' um trabalho curioso, a que teremos occasião de nos referir por mais do que uma vez.

O sr. Dias Ferreira historia o que se passou com os governos de Allemanha e França sobre a divida externa.

Logo que o sr. Dias Ferreira subiu ao poder, foram encarregados os nossos representantes no estrangeiro de participar aos governos interessados a necessidade em que se via o gabinete portuguez de impôr sacrificios tanto aos crédores internos, como aos externos. Immediatamente a Allemanha protestou contra essas intenções, enviando uma nota violenta ao governo do sr. Dias Ferreira, na qual, entre outras coisas, nos ameaçava com uma *intervenção*, que por outro modo se não podem entender as palavras *démarches collectives* da referida nota. Pelo menos, são palavras que *envolvem tudo*.

Depois d'isso, commetteu o sr. Dias Ferreira o erro ou a fraquesa de consentir nas desgraçadas negociações de Paris. Percebendo o mal a tempo, entretanto, cortou essas negociações com o celebre decreto de 13 de junho, o qual, diga-se a verdade, demonstrou uma grande coragem e resolução, como sempre o dissémos, no ministro respectivo. E quando havia motivos para suppôr que a Allemanha pozesse em pratica, n'esse momento, as suas ameaças, succedeu exactamente o contrario. A Allemanha resignou-se e, sem deixar de intervir na questão, abrandou as suas iras, passando das imposições a simples *pedidos*. Emfim, chegaram as coisas a ponto de se poder considerar como acceite a proposta do sr. Dias Ferreira, segundo a qual os crédores estrangeiros receberiam um terço em oiro ou os setenta por cento em papel dos crédores internos, sem direito a mais nada.

Dêmos a palavra ao sr. Dias Ferreira:

"Sr. presidente, sempre sustentei que os crédores estrangeiros não deviam ser menos considerados que os crédores nacionaes. Toda a difficuldade estava em encontrar uma formula para realisar este pensamento, e mais de uma vez eu disse aos protectores dos interesses francezes, que, formando parte do gabinete d'aquelle paiz dois homens de tão superior distincção como mr. Ribot e mr. Rouvier, podiam elles tambem indicar qualquer formula que coubesse dentro d'esta regra de opção—ou receber um terço em oiro, ou entrar no regimen da divida interna, com direito ás mesmas vantagens e sujeição aos mesmos riscos dos crédores nacionaes,—e que quaesquer modificações e indicações, que coubessem dentro d'esta formula, não tinha eu duvida de as submetter á apreciação das côrtes.

Mas emfim as exigencias do governo francez estavam acalmadas depois da conferencia entre o ministro dos negocios estrangeiros de França e o nosso ministro n'aquelle paiz, como acabo de mostrar á camara com a leitura do officio que aquelle esclarecido funccionario me enviou.

Estavam as cousas n'esta situação calma e serena, quando eu apresentei as propostas de fazenda ás côrtes no dia 16 de janeiro. Todos sabem as difficuldades que se me levantaram na commissão de fazenda e na camara. Congratulava-se o sr. presidente do conselho ha dias na camara dos dignos pares, por não ter recebido reclamação alguma quanto aos crédores estrangeiros emquanto durou a discussão do seu projecto nas côrtes. E assim será.

Mas devo ponderar á assembléa, e sobretudo ao paiz, que, tendo o actual governo apresentado a sua proposta ás côrtes em 15 de maio, no dia 19 já estava votada em ambas as camaras, tanto na dos senhores deputados, como na dos dignos pares! Com este governo quatro dias foram bastantes para o corpo legislativo resolver sobre tão grave assumpto!

Commigo succedeu precisamente o contrario. Tendo eu apresentado na camara dos senhores deputados a minha proposta em 16 de janeiro, só vinte e um dias depois é que pude conseguir que ella viesse ao debate!

Não consegui que em vinte e um dias ella fosse votada.

Os vinte e um dias foram precisos para ella vir ao debate parlamentar. (*Apoiados.*) Se as camaras tivessem votado a minha proposta com a mesma rapidez com que votaram a do actual ministerio, teriamos lucrado economias de milhares de contos de réis, e, sobretudo, uma situação desembaraçada e definida. (*Apoiados.*)

Ao menos o actual governo já custou ao paiz o enorme sacrificio do aggravamento dos encargos com a divida externa.

Dizia o sr. presidente do conselho que não encontrou durante a discussão do projecto reclamações de governo algum, *nem já agora as poderia ter*. Ora se já as não poderia ter agora é porque no entender de s. ex.ª tudo ficou sanado com a votação parlamentar.

Mas porque não sanaram então com a votação parlamentar o meu decreto que importava grande reducção de despeza e uma solução definida? (*Apoiados.*)

O certo é que a minha proposta, apresentada ás côrtes em 16 de janeiro, só no dia 4 de fevereiro entrava em discussão n'esta casa, apesar dos meus instantes esforços, e que durante esses vinte e um dias tambem não recebi reclamação alguma do estrangeiro. As reclamações vieram depois; a do ministo de França em 8 de fevereiro, reproduzindo a carta de 10 de outubro, e a do ministro da Allemanha em 17.

Cumpro um dever de lealdade, informando a camara e o paiz, que d'estes dois dignissimos representantes de govenos estrangeiros recebi sempre as maiores provas de interesse pela prosperidade do nosso paiz.

Nenhum d'elles, nem os seus respectivos governos queriam crearnos difficuldades, e pelo contrario desejavam ardentemente vêr-nos livres dos embaraços que por toda a parte nos cercavam.

Mas o certo é que elles mal po-

diam prescindir das exigencias que das notas constam, desde que viram o modo como a situação se desenhava dentro do paiz. Desde que lá fóra se sabia da lucta aberta entre o governo e o parlamento, desde que era averiguado que governo e côrtes não estavam unidos no mesmo pensamento, os crédores estrangeiros, e os governos estrangeiros de certo instigados por elles, vieram lançar a sua espada na balança. *(Apoiados.)*

Ora se as côrtes se tivessem collocado como um só homem ao lado do governo, ou antes ao lado da nação, o decreto de 13 de junho seria hoje lei do estado sem perigo para os interesses nacionaes. *(Apoiados.)* Mas desde que havia em Portugal quem se collocava ao lado do estrangeiro, e fazia o jogo do estrangeiro, não póde ser surpreza para ninguem que o estrangeiro intervisse em favor do que elle reputava os seus interesses. *(Apoiados.)*„

E é o sr. Fuschini e collegas que nos veem agora pedir patriotismo e resignação!

Como se sabe, foi o *Povo de Aveiro* que revelou ao paiz a conferencia havida entre el-rei e o sr. Fuschini e a conspiração que se seguiu depois, tramada por João Franco, Carlos Lobo de Avila e Fuschini. Diziamos nós então que os regeneradores se não teriam atrevido a revoltar-se tão cedo contra o sr. Dias Ferreira se não tivessem as *costas quentes;* que a conspirata ainda nos havia de sahir cara; que revoltava vêr a maneira porque entre nós as ambições do poder e as intrigas de corrilho sobrelevavam em tudo e por tudo aos interesses do paiz. Agora surge o sr. Dias Ferreira, com a auctoridade que resulta da sua situação n'aquella epocha, a confirmar tudo quanto nós dissémos.

Não faltaram louvores, dos proprios miseraveis que se dizem republicanos, á proposta do actual governo sobre os crédores externos. *O Povo de Aveiro* foi o primeiro que demonstrou quanto essa proposta era prejudicialissima comparada com a do sr. Dias Ferreira. Mas, dizia-se, a proposta Dias Ferreira não seria acceite pelas potencias. Agora surge o sr. Dias Ferreira a demonstrar, com documentos e argumentos irrespondiveis, precisamente o contrario!

Quer dizer: a questão foi outra. A questão era o Gomes da Silva pretender a todo o transe a candidatura que o Fuschini lhe prometteu. A questão é o sonho dourado do Eugenio da Silveira, que, ou sahe deputado por Mafra, ou o mundo arrebenta. A questão é a outra candidatura que o *Seculo* ambiciona para o Teixeira Bastos, porque quanto mais vereadores e deputados tiver em casa mais influencia exerce e mais *bem informado* anda. A questão era o João Franco estar soffrego do poder. A questão ainda era outra, que nós não diremos agora *com medo da lei das rolhas.*

E querem estes tartufos então que a Associação Commercial de Lisboa esteja quietinha e que o paiz aguente o novo peso da albarda com paciencia e amor.

Pois não!...

AU JOUR LE JOUR

Por qualquer cousa se póde passar á historia, assim como qualquer cousa tambem póde passar á historia. A razão d'isto não está em muito: está em qualquer cousa.

Não é necessario ser homem de grande sabedoria, nem heroe de grandes feitos; um imbecil póde ter um canto nas paginas da historia; e, senão, é vêr muitos dos imperadores romanos. Entre elles está, por exemplo, Caligula, um imbecil de rija tempera que passou á posteridade fortemente abraçado ao seu cavallo *Incitatus* que elevou á dignidade de consul e ao qual sómente dava palha dourada.

Quem se désse ao trabalho de lhe aproveitar as fezes, para depois extrahir o ouro, não havia de ficar mal!

A razão porque se passa á historia, disse eu acima, está em qualquer cousa. E está, de facto.

O velhissimo canapé de Bersane Leite é historico por romper com um prégo os calções de Bocage, n'um dia em que este foi visitar Bersane. Bocage não ficou muito satisfeito, tanto que passou ao canapé uma tremenda descompostura; mas a descompostura foi em prosa e Bersane não gostou, pelo que disse a Bocage:

—Que vergonha! N'um caso tão solemne uma descompostura em prosa!

E, voltando-se para o canapé, exclamou:

Fugia do incendio de Troya,
lá d'esse incendio voraz,
Eneas com o pae ás costas
e o moço com aquillo atraz.

—No cerco de Troya! tornou Bocage, ora adeus!

Inda antes de haver mundo
e antes de haver Adões,
já elle tinha o preguinho
com que rasgava os calções.

E o tiroteio poetico continuou, terminando com a seguinte quadra de Bocage:

Quando a velha antiguidade
aqui n'esta casa entrou,
disse a este canapé:
sua benção, meu avô.

*
* *

Do *Correio de Lamego,* de 2 de agosto de 1892:

AMADA!...

(A' ill.ma e ex.ma sr.a D. F. Martins)

I

Vi-te pela primeira vez; desde esse momento—amei-te!

*

Coração de violeta, visagem dos meus sonhos, anjo divinal, tu és a terna ambição do meu porvir.

Sonhos phantasticos da mocidade, pensamentos ainda mais phantasistas de creança...

II

Corpo de virgem, seio de fada cinta celeste, quando deslisas sua, ve sem tu o saberes, genios celestes te juncam o solo de mil arvores, brancos como a branca neve...

III

Quando Morpheu te recebe nos seus braços, sonhos divinos te povoam o cerebro, e cem Cupidos, apontando-te ao peito as suas reluzentes frechas, vertem alli o nectar delicioso d'uma *rêverie d'amour.*

IV

Acordas. Sacodes as tuas tranças virginaes e de entre ellas voam duas palavras significativas:

"Primeiro amor.„

Porto, 17—8—92.

Raul Caldevilla.

O leitor, sem duvida mais benevolo na critica do que eu, que commente.

*
* *

Epitaphio que o marquez de Maricá, philosopho moralista brazileiro, compoz para o seu tumulo:

Aqui jaz o corpo apenas
do marquez de Maricá;
quem quizer saber-lhe da alma,
nos seus livros a achará.

*
* *

Um couplet de João René Leconpperry de La Rosière:

Malgré Rome et ses adhérents
ne comptons que six sacrements;
croire qu'il en est davantage,
c'est n'avoir pas le sens commun;
car chacun sait que mariage
et pénitence ne font qu'un.

*
* *

ESPIRITO DO MEU CALENDARIO

—Quando foi Roma edificada? perguntou um examinador a um alumno.

—A' noute, respondeu elle.

—Como assim?

—Sem duvida; sempre ouvi dizer que Roma não se fez n'um dia.

—

Em um restaurante:

—Rapaz, estes ovos não são frescos, cheira-os.

O rapaz cheira os ovos e diz:

—O senhor demora muito tempo a comer. Se andasse mais depressa já os ovos lhe pareciam bons.

*
* *

LYRA POPULAR

XLI

Duas settas penetrantes
encontrei no coração:
uma d'ellas era a tua,
outra a da minha affeição.

XLII

Uma ingrata me ensinou
a ser ingrato tambem;
de mim, que sou ingrato,
não se admire ninguem.

Eu.

Dr. Duarte Mendes Correia da Rocha

ADVOGADO

10, PRAÇA DO COMMERCIO, 10

AVEIRO

NOTICIARIO

Ministro das obras publicas

Está definitivamente resolvida a visita do sr. ministro das obras publicas a esta cidade. S. ex.ª é aqui esperado depois do meiado do mez corrente, e será hospede do sr. Jayme de Magalhães Lima.

Consta-nos que fará detida inspecção á ria, pharol, etc., devendo ser acompanhado n'esta visita, entre outros funccionarios, pelo sr. engenheiro Mello de Mattos, digno e activo chefe da repartição hydraulica d'esta cidade.

Chegada

Vindo de Santo André de Poiares, onde estava em goso de licença, chegou hontem de tarde a Aveiro o sr. dr. Sanches da Gama, administrador d'este concelho. S. s.ª toma hoje conta do seu logar.

Fabrica do gaz

Tomou posse de director da fabrica do gaz d'esta cidade, n'um dos ultimos dias da semana finda, o sr. Virgilio Braga, que nos consta ser um empregado muito intelligente e activo.

No Algarve estão quasi todas paradas as fabricas de conserva de sardinha em azeite, porque a falta d'este peixe em toda a costa é extraordinaria.

Contribuições municipaes

A folha official publicou uma carta de lei, fixando o maximo das percentagens municipaes que os corpos administrativos podem lançar aos contribuintes. Para os concelhos de Castello de Paiva e Macieira de Cambra, no districto de Aveiro, fixa-se o maximo 58 p. c.; para todos os outros concelhos do districto 55 p. c.

Na mesma carta de lei, dispõe-se o seguinte:

Continúa em vigor para o anno de 1894 a disposição do decreto de 17 de novembro de 1897, que permitte ás camaras municipaes votar sobre os generos sujeitos ao real de agua os mesmos impostos que cobram no anno de 1886, e inda augmentar a respectiva taxa até 100 p. c. do imposto do estado sobre os mesmos generos, quando fosse inferior a esse limite, e o augmento seja indispensavel á fazenda municipal.

Além dos maximos fixados n'esta lei poderão tambem ser votadas:

As percentagens que estejam obrigadas a emprestimos municipaes legalmente contrahidos, uma vez que o respectivo producto com o das votadas para outras despezas não exceda a importancia das receitas de egual proveniencia em vigor ao tempo da promulgação do codigo administrativo.

As percentagens que forem indispensaveis para os encargos, que pelo decreto de 6 de agosto de 1892 acresceram ás despezas municipaes, dos emprestimos legalmente contrahidos pelas juntas de parochia, restringindo-se, porém, o addicionamento e o lançamento das mesmas percentagens ás parochias a que respeitarem os sobreditos emprestimos.

Bispo-conde

Chegou ante-hontem de manhã a Aveiro o sr. bispo-conde. Parece que s. ex.ª veio marcar o dia para a distribuição de premios que se effectúa este mez no collegio de Santa Joanna.

Retirou hontem á tarde.

Navio á agua

Envidam-se todos os esforços, activando os trabalhos, para que seja no proximo domingo posta a nado a chalupa que se anda construindo na Gafanha, e deve matricular-se na praça d'esta cidade.

Para o acto, está convidada a phylarmonica *Aveirense.*

O constructor do novo navio é ainda o habil artista José Bolaes Monica.

La Salette

Em Oliveira de Azemeis fazem-se com grande pompa, nos proximos dias 12, 13 e 14 do corrente, as festas á Senhora de La Salette. Toma parte n'estas festas a banda da guarda municipal de Lisboa.

D'esta cidade consta-nos que vão alguns forasteiros assistir aos festejos, attrahidos pela afamada banda que passa por ser a primeira do paiz.

O sr. ministro das obras publicas determinou que os professores das escolas industriaes e agricolas, durante férias, se prestem a fazer exercicios praticos nos locaes marcados pelas camaras municipaes que os requeiram, responsabilisando-se essas camaras pelas despezas de viagem.

O crime de Oliveira do Bairro

Foram postos em liberdade, por se averiguar a sua innocencia, o picador e o *Pae da vida,* que, como dissemos, haviam sido presos aquelle em Oliveira do Bairro e este em Aveiro, por se suspeitar da sua cumplicidade no assassinato da pobre velha Rosa Lombinha.

Além dos dois, tinham sido presos outros individuos, e entre elles o verdadeiro criminoso José Ferreira das Neves, conhecido pelo *Canastreiro,* e o seu cumplice Manuel Grillo, de 18 annos de idade. Este, porém, é que fez revelações plenas, contando assim o facto:—O *Canastreiro* penetrou na casa da taberna da assassina-

FOLHETIM

—25—

OS REIS

Em 1900

VIII

Um dia, Annouchka não appareceu. Adquiriu, a tratal-a, o mal da sua senhora. E morreu dias depois. Frida chorou por muito tempo a humilde camarada que lhe salvára a vida. Como aos nove annos já era muito pensadora e reflectida, comprehendeu quanto havia de admiravel n'aquelle ingenuo sacrificio. E prometteu ser boa sempre para os pobres, pagar-lhes, por todos os meios que estivessem ao seu alcance, o bem que havia recebido da creança vagabunda, com uma alma tão nobre e bem formada. Ficou-lhe, indelevel, a impressão da força e poder de dedicação que muitas vezes contém o coração d'aquelles que não possuindo os bens da terra não deixam de possuir os bens da alma. Principiava a habituar-se a comparar a simplicidade de coração dos seus amigos moujiks (julgava-os bons a todos) com a friesa e o orgulho dos fidalgos e fidalgas que vinham, de longe a longe, visitar sua mãe, e junto das quaes se sentia incommodada. Assim, a memoria da sua amiga, a pobresinha, santificava Frida. Sabia-se bonita; mas como por essa bellesa tinha morrido uma pobre creança começava a desprezal-a. E repudiou todas as habilidades e requintes da *coqueterie* feminina, o que não fazia senão augmentar o seu estranho poder de seducção.

Por essa epocha, duas catastrophes repentinas esmagaram a casa de Thalberg.

O avô de Frida, o principe Kariskine, implicado n'uma conspiração nihilista—culpado sómente, na realidade, por uma cumplicidade sentimental e que se detinha muito áquem do consentimento na *propaganda de facto*—foi mandado para a Siberia. Frida tinha sempre ouvido falar sua mãe d'esse avô com um respeito misturado com inquietação e censura, como d'um homem excellente, mas occupado de coisas secretas e perigosas, como d'um *lunatico.* Um *lunatico!* Ella não sabia bem o que isto queria dizer, mas adivinhava que era qualquer coisa de distincto e de generoso. Duas ou tres vezes viera a Thalberg o principe Kariskine. Frida amava-o por causa da sua bella barba branca e das historias que elle lhe contava. Uma vez tinha levado Frida e Annouchka a dar com elle um largo passeio. E como visse Frida consentir em que Annouchka lhe beijasse as mãos repetidas vezes, habituada como estava a essa adoração, disse para ella:

—Porque não beijas tu a tua amiga?

E Frida beijou Annouchka, com certo esforço, todavia.

Ao mesmo tempo que o principe Kariskine era condemnado, completava-se a ruina do conde de Thalberg: eram vendidos os restos do solar. O conde deixava á mulher e á filha cincoenta ou sessenta mil rublos e emigrava para a America, em busca de fortuna.

A condessa supportava estes desastres tranquillamente, protegida, como era, pela sua naturesa molle. Installou-se em Petersburgo, procurou alguns parentes, aliás pouco sollicitos para com ella, e recahiu logo na sua inercia do somno e da leitura dos romances. Mas Frida abafava: o que ella queria era a vida do campo e os seus amigos moujiks por quem morria de saudades. Depois, um irresistivel desejo se apoderava d'ella: tornar a vêr, por uma vez só que fosse, o seu avô. Não pensava senão n'elle; imaginava-o carregado de grandes cadeias e deitado sobre a palha, n'um buraco infecto e escuro, como os prisioneiros dos cantos e dos melodramas. E o coração da creança enchia-se d'um amor e d'uma piedade que lhe faziam mal, terrivelmente mal. Sentia-se desfallecer. Insistiu tanto e tantas vezes que a condessa, menos por piedade filial que pela incapacidade de resistir a supplicas continuas, e seduzida tambem pela côr romanesca da viagem, pediu e obteve o favor de ir visitar seu pae á grilheta.

(Continúa.

da juntamente com elle. Fóra ficaram mais tres pessoas, todas embuçadas, que o Grillo não conheceu. Chegados ambos ao pé da Lombinha, o Neves cortou-lhe o pescoço com um podão e roubou-a, dando-lhe a elle, Grillo, apenas 160 réis. Mas o roubo foi consideravel.

Depois d'esta confissão, foram tambem presos o cocheiro Antonio Palhão, irmão do Neves, e outro individuo, sobre quem recahem suspeitas de cumplicidade. Os presos estão todos na cadeia, incommunicaveis.

Emigração. — Bons salarios

Por causa da constante emigração dos habitantes do archipelago dos Açores para a California e outros estados da America do Norte, estão-se pagando alli os salarios dos trabalhadores de campo a 1$250, diarios, sendo difficil ainda assim obtel-os por tal preço.

Roubo em Eixo

A policia recebeu queixa na segunda-feira de que em Eixo se praticára um roubo importante, pelo que mandou logo para alli uma força da mesma policia. Foi preso um gatuno, que apezar de negar que nada havia feito, tinha contra si elementos que o compromettiam.

Interrogado habilmente, confessou o crime, sendo depois encontrados um cordão de ouro, roupa, etc.; mas faltam ainda mais objectos.

O rapinante está sob guarda de policia.

Exposição de Chicago

Uma pequena amostra do que seja o grande certamen de trabalho realisado n'esta cidade do novo mundo.

No palacio da industria, a sala da exposição mede de comprimento 514 metros por 240 de largura. O seu custo foi de 1.500:000 dollars. Para pregar o sobrado, que é composto d'um milhão de metros de tábuas, foram empregados cinco wagons do caminho de ferro cheios de prégos.

Finalmente nas pinturas do edificio dispenderam-se 50 toneladas de tintas.

O preço do vinho

Na sub-região do Douro vendem-se vinhos de pasto a 40$000 réis, e offerece-se 1$500 e 1$700 réis por almude, nas regiões do sul.

—Em Vizella cada casco de vinho está sendo vendido ao preço de 30$000 réis e mais.

—Em Lamego tem-se vendido os vinhos de pasto entre 36$000 e 40$000 réis a pipa. Sóbem consideravelmente de preço porque a colheita proxima é escassa.

—Em Celorico de Basto o vinho dá já o preço de 1$500 e 1$600 réis o almude, com tendencia para alta.

—Em Baião, algum vinho que ainda ha por vender, regula de 31$000 a 40$000 réis a pipa.

Destacamentos

Para policiar as festas da Senhora de La Salette, em Oliveira de Azemeis, marcha d'aqui uma força de 10 guardas de policia civil, devendo ir juntar-se-lhe outro contingente de policias do Porto.

Com o mesmo fim deve seguir para aquella villa um destacamento de cavallaria 10.

NOTICIAS PESSOAES

Acha-se a banhos na praia da Barra o nosso amigo sr. Francisco Christo e sua familia.

*

Partiu para Braga, em viagem de recreio, o nosso illustre conterraneo sr. Carlos Faria e sua esposa.

*

Está em via de completo restabelecimento o sr. Joaquim Martins de Carvalho. Estimâmos.

Um bigamo

Um caso de bigamia succedido na capital.

A sr.ª Thereza de Jesus, moradora na Azinhaga de Marvilla, foi contar ao sr. administrador do 1.º bairro, que tendo casado alli, civilmente, no dia 7 de março de 1892, com Francisco Monteiro, que se acha actualmente preso na cadeia do Limoeiro, suspeitava que o mesmo individuo era tambem casado com outra mulher, na sua terra, freguezia de Santa Cruz, concelho de Sinfães.

A referida auctoridade officiou para o seu collega d'aquella localidade e recebeu em resposta a confirmação das suspeitas da Thereza de Jesus.

Francisco Monteiro era alli casado com Cecilia de Jesus Mourão, de quem havia dois filhos, tendo effectuado o matrimonio em março de 1876.

Vieram remettidas para Lisboa as certidões do casamento e baptismo dos filhos.

*

O bigamo faz franca confissão do seu delicto, dizendo que estimára muito a sua primeira mulher, a Cecilia, mas que por fortes desavenças que tivera com seu cunhado, irmão d'ella, teve de a abandonar, bem como a povoação de Oliveira do Douro, onde viviam.

Accrescenta que tinha apenas 22 annos quando contrahira este matrimonio.

Fôra para Lisboa, sahindo pouco depois como trabalhador para a quinta dos Alfinetes, e indo na mesma qualidade, mais tarde, para Villalonga.

Aqui é que principiou a namorar a segunda mulher, Thereza de Jesus Emilia, uma bonita moça de 18 annos.

Diz que principiou este namoro sem saber a que consequencias o levaria. A Emilia, porém, sabedora muito a tempo de que elle era já casado e com filhos, pediu-lhe do caso explicações.

Não negou, mas convencido de que civilmente podia casar segunda vez, e annuindo a isto a rapariga, celebraram effectivamente o seu casamento civil na administração do 1.º bairro.

Syndicancia

Foi a Agueda, a fim de syndicar dos actos do chefe da estação d'aquella villa, contra o qual ha varias queixas, o sr. Eduardo Gaspar da Cunha Serrão, dignissimo director dos serviços telegrapho-postaes do districto.

Posse

Tomou hontem posse de secretario da camara municipal d'este concelho o sr. Firmino de Vilhena.

A posse foi-lhe dada com toda a cortezia pela camara municipal, que n'esse dia se achava em sessão ordinaria.

Os duellos

O senado belga acaba de votar uma proposta de lei aggravando a pena applicada aos duellistas. A proposta foi de iniciativa do barão de Coninck, de accordo com o ministro da justiça.

A Russia elevou tambem recentemente a publicidade applicavel ao duello.

O CRIME

Assassinatos

As ultimas duas semanas, tem sido ferteis de acontecimentos sinistros, parecendo que paira sobre nós a febre do crime.

Depois dos crimes da Lapa, em Lisboa, e de Grijó, no Porto, perpetraram-se incontinente mais 2, egualmente em circumstancias horriveis.

Na segunda-feira foi assassinado no Cartaxo o amanuense da camara, Francisco Antonio Clemente. O assassino é Manuel Antonio Freire, vendedor ambulante de pão da padaria Gomes, de onde foi despedido por alcance.

Quando o sr. Clemente sahiu da sua repartição, e se dirigia para casa, encontrou o Freire que lhe pediu alguns mil réis que o sr. Clemente lhe devia de pão; este respondeu-lhe que nada lhe devia, e o outro então puxou de uma navalha e cravou-a no peito da sua victima.

A morte foi instantanea. O assassino já foi preso.

*

Referem de Vinhaes que no ultimo dia de julho se praticou em Frieira, concelho de Bragança, um crime de assassinio de que foi victima Francisco Palhanas, pastor.

Os assassinos, um tal Didico e um rapaz, ambos egualmente pastores, encontraram a dormir no Valle do Cabrito o Palhanas, com quem o primeiro andava de rixa velha, e ambos, com uma foice roçadoira vibraram tremendo golpe á cabeça do desgraçado, que morreu logo. A foice ficou toda cheia de massa encephalica e de sangue coagulado.

Não contentes ainda com isto, os assassinos espetaram nos olhos da sua victima um pau, e maceraram-lhe completamente o rosto.

O cadaver foi encontrado dois dias depois do crime, e já em estado de putrefacção.

Companhia lyrica

Ouvimos que tenciona vir dar alguns espectaculos no theatro Aveirense uma companhia lyrica italiana que está funccionando em Vizeu.

Photographia submarina

O sr. Camillo Boutan, chefe de conferencias na Sorbonne, França, occupa-se actualmente de explorações submarinas, com um caracter novo e dos mais interessantes.

Graças a alguns dispositivos engenhosos, o sr. Boutan, que é um scaphandreiro emerito, conseguiu photographar o fundo do mar no proprio seio das aguas!

As photographias foram tiradas em Bayuls-sur-mer, no Mediterraneo.

Será verdade?

Informam-nos de que em Oliveira do Bairro se deu ante-hontem um caso de suicidio, sendo a victima um dos individuos sobre quem recahiram suspeitas de haver tomado parte no assassinato alli commettido na semana passada.

O mesmo individuo tinha sido posto em liberdade, por não lhe ser encontrada culpa.

Damos esta noticia com reserva.

Tumultos

A camara mandou pôr em execução um imposto, ha annos lei municipal, lançado sobre as malhadas, que servem de ponto de descarga de moliços, imposto cuja cobrança se achava sustada por causa da violenta relutancia dos respectivos contribuintes.

Em virtude da decisão da camara, foram mandados demarcar por meio de estacas os espaços, sobre os quaes incide o imposto. Os empregados, porém, que procediam aos trabalhos, na malhada da ponte de S. Pedro, em Arada, tiveram de fugir á senha popular, para não serem maltratados, destruindo os moliceiros alguns trabalhos que estavam principiados.

AO PUBLICO

JEREMIAS DOS SANTOS participa ao publico que vende excellente azeite fino pelos seguintes preços: Cada litro, 240 réis; porção de 5 litros, 1$100 réis; em maior porção, grande abatimento.

Tambem vende vinagre branco fino, de superior qualidade, a 80 reis o litro e os 20 litros a 1$200 réis.

Vendas a retalho.

LARGO DO ESPIRITO SANTO
(Ao Chafariz)

HOTEL CENTRAL

RUA DE JOSÉ ESTEVÃO

AVEIRO

N'este hotel, montado nas melhores condições, encontram os srs. hospedes um tratamento excellente, a par d'um serviço esmeradissimo, e magnificas accommodações.

Recebe hospedes permanentes.

Preços convidativos.

—

O Hotel Central tem uma boa cocheira, acabada de construir, onde podem ser recolhidos carros, cavallos, etc.

CONTRA A DEBILIDADE

Recommendâmos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa, da Pharmacia Franco & Filhos, por se acharem legalmente auctorisados.

ARRENDA-SE uma boa morada de casas, com primeiro andar e aguas-furtadas, e um grande salão ao rez-do-chão. E' situada á frente do bairro do Rocio, e no local mais pittoresco. Tem pateo, varanda e magnificas vistas para todos os pontos da cidade e fóra d'ella. Para vêr e tratar, com seu dono Manuel Francisco Leitão, proprietario do Hotel Central.

SECÇÃO LITTERARIA

UMA LOUCA

—

Os loucos podem exercer uma attracção poderosa sobre os sensatos.

Os sêres privados da razão vivem n'um paiz mysterioso de sonhos estranhos, n'essa bruma impenetravel da demencia, em que tudo o que se tem visto sobre a terra, tudo o que se tem feito, volta a tomar vida n'uma existencia imaginada, fóra de todas as leis que governam as coisas e regem o pensamento humano.

Para os dementes o impossivel não existe, o inverosimil desapparece, o phantastico é coisa corrente, o sobrenatural converte-se em familiar. Essa velha carreira, a logica, essa velha muralha, a razão, esse velho parapeito das idéas, o bom senso, rompem-se, abatem-se, desmoronam-se deante da sua imaginação libertina, que vagueia pelo paiz illimitado da phantasia.

Para os loucos tudo succede e póde succeder. Não fazem esforço algum para vencer os acontecimentos, domar as resistencias, remover os obstaculos.

Basta-lhes um capricho da sua vontade illusoria para que sejam principes, imperadores ou deuses, para que possuam todas as riquezas do mundo, todas as coisas saborosas da vida, para que sejam fortes, sempre formosos, sempre jovens, sempre queridos. Só elles podem ser ditosos na terra, porque para elles não existe realidade.

Eu gosto de abeirar-me do seu espirito vagabundo, como a gente se debruça sobre um abysmo, no fundo do qual ferve uma torrente que vem e vae de sitios para sitios ignotos.

*
* *

Um dia em que visitava um hospital de alienados, o medico que me acompanhava disse-me:

—Vou mostrar-lhe uma louca interessante.

E mandou abrir uma cella onde uma mulher, dos seus quarenta annos, ainda bella, sentada n'uma grande poltrona, contemplava obstinadamente o seu rosto n'um pequeno espelho de mão.

Quando nos viu, levantou-se, correu ao fundo da habitação em procura d'um véo que tinha sobre uma cadeira, envolveu n'elle a cara com grande cuidado e voltou depois, respondendo com uma inclinação de cabeça aos nossos cumprimentos.

—Como vamos esta manhã? perguntou-lhe o doutor.

Ella deu um profundo suspiro.

—Oh! mal, muito mal. Os signaes da variola são cada dia maiores.

—Nada vejo, replicou o doutor.

—Asseguro-lhe que se engana.

Approximou-se a louca para segredar-lhe quasi ao ouvido:

—Não, estou certa. Contei dez buracos esta manhã: tres na face direita, quatro na esquerda e outros tres na fronte. E' horrivel! horrivel! Já não poderei vêr ninguem, nem meu filho, nem meu filho principalmente. Estou perdida, desfigurada para sempre.

E cahiu sobre a poltrona começando a saluçar.

O medico pegou n'uma cadeira, sentou-se ao seu lado, e disse-lhe com uma voz doce e consoladora:

—Vejâmos isso. Digo-lhe que não é nada. Com uma ligeira cauterisação farei desapparecer tudo.

Ella respondeu, accenando com a cabeça e com a voz desfallecida, que *não*. O medico quiz levantar-lhe o véo, mas a demente agarrou-o com as duas mãos com tanta força, que o rasgou onde poz os dedos.

—A si mostrarei a minha cara; porém a esse cavalheiro que o acompanha...

—E' tambem medico, apressou-se a responder o doutor.

Então descobriu o rosto; todavia o medo, a emoção, a vergonha de ser vista tornou-a córada em extremo até ao pescoço, que se fundia no seu vestido de luto.

Baixou os olhos, voltou o rosto para a direita e para a esquerda para evitar os nossos olhares e balbuciou:

—Oh! soffro horrivelmente quando sou vista sem véo na cara.

Eu contemplei-a, bastante surprehendido, pois não tinha signal algum, nem mancha, nem cicatriz.

Voltou-se para mim com os olhos sempre baixos e disse-me:

—Cuidando de meu filho pegou-se-me esta espantosa enfermidade. Salvei-o, porém perdi a minha belleza. Depois de tudo cumpri o meu dever; a minha consciencia está tranquilla.

Levantou-se o medico, e, saudando-a, sahimos do seu quarto.

—Agora, escute-me, disse. Vou contar-lhe a historia atroz d'esta desgraçada.

*
* *

E' viuva. Foi muito bella, muito cocote, muito amada.

Era uma d'estas mulheres para quem a sua belleza e o desejo de agradar constituem a aspiração da vida.

Tinha um filho, que um dia adoeceu com a variola. Apenas o soube sua mãe, começou para aquella mulher, consagrada exclusivamente ao cuidado da sua formusura, uma batalha espantosa.

De muito longe perguntava á mulher, que cuidava de seu filho, sobre a sua saude.

A mulher respondeu-lhe uma vez.

—Muito mal. Quer vêl-o?

—Oh! não, isso não.

E sahiu fugindo.

Tomou todo o genero de precauções. Foi a casa d'um pharmaceutico e sortiu-se de desinfectantes.

Um dia, por fim, o medico disse-lhe:

—Seu filho morre. Quer vêl-o? Ainda que seja pela janella? Entre os dois haverá uma porta de crystaes.

Consentiu n'isso a mãe, cobriu a cabeça, tomou refresco de saes, deu tres passos para a janella, e, occultando a cara nas mãos, gemeu.

—Não... não... não me atreverei a vêl-o jámais... Morro de medo...

O moribundo esperou longo tempo com os olhos voltados para a janella para vêr o rosto sagrado de sua mãe, pela ultima vez. Porém, aguardou em vão. Veio a noite e, então, voltando-se para a parede, não pronunciou mais uma palavra.

Quando amanheceu estava morto.

No dia seguinte a mãe estava louca.

GUY DE MAUPASSANT.

FABRICA
DE MOAGEM A VAPOR
DE

MANUEL CHRISTO

N'este estabelecimento vende-se farinha de milho, a toda a hora do dia.

Compra-se milho.

ARROZ: **Compra-se arroz com casca e vende-se a retalho, já descascado.**

Em vendas por junto, faz-se abatimento.

RUA DOS TAVARES

AVEIRO

Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorisado pelo governo e approvado pela junta consultiva de saude publica de Portugal e pela inspectoria geral de hygiene da côrte do Rio de Janeiro.—Premiado com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Pariz.

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: è muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dóse, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se egual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Mais de cem medicos attestam a superioridade d'este vinho para combater a falta de forças.

Para evitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito g-ral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a Debilidade

Farinha Peitoral Ferruginosa da pharmacia Franco.—Premiada com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Pariz.

UNICA legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade.

Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Pacote, 200 réis; pelo correio, 220 réis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior

Contra a Tosse

Xarope Peitoral James. — Premiado com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Pariz.

UNICO legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral de Hygiene da côrte do Rio de Janeiro, ensaiado e approvado nos hospitaes.

Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

HISTORIA DE UM CRIME CELEBRE

O caso do convento das Trinas

EM AVEIRO só se vende no estabelecimento de Arthur Paes, na rua do Espirito Santo.

PREÇO 300 RÉIS

Pelo correio, franco de porte.

MANUAL
DO

CARPINTEIRO E MARCENEIRO

Este manual que não só trata de Moveis e Edificios, é um tratado completo das artes de Carpinteria e Marcenaria adornado com 211 estampas intercaladas no texto, que representam figuras geometricas, molduras, ferramentas, samblagens, portas, sobrados, tectos, moveis de sala, etc., etc. Tudo conforme os ultimos aperfeiçoamentos que tem feito estas artes.

Esta casa editora animada com o grande exito obtido com a primeira edição que está esgotada, resolveu fazer 2.ª edição ao alcance de todas as bolsas com especialidade das classes operarias e n'esse intuito sahirá a fasciculos.

Este MANUAL DE CARPINTERIA E MARCENARIA contém approximadamente 580 paginas e serão distribuidas nas seguintes condições:

Condições de assignatura

Será distribuido em Lisboa todas as semanas, com toda a regularidade, um fasciculo de 32 paginas resguardado de uma capa com indicações importantes por o preço de 50 réis pagos no acto da entrega; para as provincias será distribuido nas mesmas condições acima pelo preço de 60 réis.

Os nossos correspondentes e distribuidores teem as garantias e descontos que a nossa casa costuma fazer.

Todas as requisições devem ser feitas aos editores

Guillard, Aillaud & C.ª

Rua Aurea, 242, 1.º — LISBOA

O REMECHIDO

Biographia do celebre guerrilheiro do Algarve, um dos mais valentes paladinos do partido miguelista.

—

Memorias authenticas da sua vida, com a descripção das luctas partidarias de 1833 a 1838, no Algarve, e o seu interrogatorio, na integra, no conselho de guerra que o sentenciou, em Faro.

—

Illustrada com o retrato do biographado

——

Custa 120 réis, e pelo correio 140 réis, e só se vende, em Aveiro, no estabelecimento de Arthur Paes.

ANTONIO XAVIER PEREIRA COUTINHO

ELEMENTOS DE BOTANICA

(Primeira e segunda parte do curso dos lyceus)

ILLUSTRADO COM 236 GRAVURAS

Acha-se já á venda este livro, muito util a todos os estudantes que frequentam o curso de botanica nos lyceus.

Preço brochado, 1$000 réis.

Guillard, Aillaud & C.ª

R. Aurea, 242, Lisboa

Responsavel

JOSÉ PEREIRA CAMPOS JUNIOR

R. do Espirito Santo, 71

ARITHMETICA E SYSTEMA METRICO

POR

Abilio David e Fernando Mendes

Professores d'ensino livre e auctores do

CURSO DE GRAMMATICA PORTUGUEZA

Compendio para as escolas, em conformidade com os programmas d'ensino elementar e d'admissão aos lyceus

Preço, cartonado, 160 réis.

A' venda na administração d'este jornal.

EDITORES — **BELEM & C.ª** — LISBOA

A VIUVA MILLIONARIA

Ultima producção de

EMILE RICHEBOURG

Auctor dos romances: *A Mulher Fatal, A Martyr, O Marido, A Avó, A Filha Maldita* e a *Esposa*

Edição illustrada com bellos chromos e gravuras

Está em publicação este admiravel trabalho de Emile Richebourg, cuja acção se desenvolve no meio de scenas absolutamente verosimeis, mas ao mesmo tempo profundamente commoventes e impressionantes.

BRINDE A TODOS OS ASSIGNANTES

Uma estampa em chromo, de grande formato, representando a vista da Praça de D. Pedro, em Lisboa

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA:—Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; folha de 8 paginas, 10 réis. Sahe em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 réis, pagos no acto da entrega. O porte para as provincias é á custa da Empreza, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da antecedente.

Recebem-se assignaturas no escriptorio dos editores—Rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA.

Em AVEIRO assigna-se em casa de Arthur Paes — Rua do Espirito Santo.

JOAQUIM JOSÉ DE PINHO

ALFAYATE E MERCADOR

AVEIRO E ARCOS DE ANADIA

GRANDE deposito de fazendas nacionaes e estrangeiras. Tem sempre grande sortido em todas as estações, tanto para obra de medida como para venda a retalho. Chailes pretos e de côr. Guarda-chuvas de seda e merino. Miudezas proprias d'esta qualidade de estabelecimentos. Grande sortido de chapéos de feltro para homem, das principaes casas do Porto; recebe encommendas dos mesmos. Gravatas para homem. Grande sortimento de fato feito, sendo o seu maior movimento em medida.

Em Aveiro ha grande variedade de papel para forrar salas e de outros artigos.

Todos os freguezes são bem servidos, pois todas as fazendas são devidamente molhadas, e só receberão as suas encommendas quando estejam á sua vontade. Toda a obra feita sem medida é molhada e os seus preços muito resumidos, para assim poder obter grande numero de freguezes.

ESPECIALIDADE EM GABÕES

Todos os pedidos podem ser dirigidos tanto para Arcos de Anadia como para Aveiro.

DICCIONARIO CHOROGRAPHICO
DE

PORTUGAL

(Parte Continental e Insular)

Designando a população por districtos, concelhos e freguezias; superficie por districtos e concelhos; todas as cidades, villas e outras povoações, ainda as mais insignificantes; a divisão judicial, administrativa, ecclesiastica e militar; as distancias das freguezias ás sédes dos concelhos; e comprehendendo a indicação das estações do caminho de ferro, do serviço postal, telegraphico, telephonico, de emissão de vales do correio, de encommendas postaes; repartições com que as differentes estações permutom malas, etc., etc.

POR

F. A. DE MATTOS

(Empregado no Ministerio da Fazenda)

O DICCIONARIO CHOROGRAPHICO DE PORTUGAL é dividido em fasciculos de 32 paginas, em 8.º francez, bom papel e impressão nitida, que são distribuidos pelo modico preço de 60 réis cada um, pagos no acto da entrega.

O DICCIONARIO CHOROGRAPHICO DE PORTUGAL formará um só volume, cujo preço não excederá a 1$400 réis.

Está publicado o fasciculo 17.

Todas as reclamações devem ser dirigidas á empreza editora do *Recreio*, rua Formosa, 2-c—LISBOA.